

O documentário “Pólis: viver na cidade grega antiga”: Uma confluência entre comunicação e educação no âmbito dos museus

Cleberon Henrique de Moura¹
Maria Cristina Nicolau Kormikiari²
Fabiola Alice dos Anjos Durães³

Resumo

Neste artigo nos propomos a analisar o documentário “Pólis: Viver na Cidade Grega Antiga”, produzido pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) tratando-o como um recurso de comunicação no âmbito da Educação, especialmente relacionando-o com a História da Educação em Museus. Realizamos uma investigação de caráter qualitativo, baseados num exercício de análise teórica com bibliografia das áreas Audiovisual, Educação e Museologia. Notamos que tal documentário presta-se a realizar e veicular um registro histórico de uma prática educativa museal e sua respectiva concepção museológica. Ou seja, além de ser intrinsecamente um recurso comunicacional, este documentário cumpre também a função de documentar atividades educativas desenvolvidas pelo museu citado no momento de sua gravação, uma tecnologia de comunicação e documentação pedagógica. Assim, compreendemos que o presente artigo contribui com um exemplo de confluência entre Comunicação e Educação através de um olhar direcionado à educação museal numa perspectiva histórica.

Palavras-chave

Documentário. Museus. Museologia. História da Educação.

Recebido em: 17/03/2020
Aprovado em: 28/70/2020

¹ Chefe da Seção de Apoio Institucional do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e graduando em Pedagogia
e-mail: cleberon.moura@usp.br

² Professora Doutora na área de Arqueologia Clássica no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e pesquisadora do Laboratório de estudos sobre a cidade antiga (Labeca-MAE/USP).
e-mail: tanit@usp.br

³ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (PPGE-FEUSP). Bacharelada e licenciada em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).
e-mail: fabiola.duraes@usp.br

The documentary Pólis: Viver na cidade grega antiga: A confluence between communication and education with in museums

Abstract

In this article we propose the analysis of the documentary “Pólis: Viver na Cidade Grega Antiga”, produced by the Museum of Archeology and Ethnology of the University of São Paulo (MAE-USP) treating it as a communication resource in the scope of Education, especially relating it with the History of Education in Museums. We carried out a qualitative investigation, based on a theoretical analysis exercise with bibliography from the Audiovisual, Education and Museology areas. We note that such a documentary lends it self to making and relaying a historical record of a museum educational practice and its respective museological conception. That is, in addition to being intrinsically a communication resource, this documentary also fulfills the function of documenting educational activities developed by them at the time of its recording, a communication technology and a pedagogical documentation. Thus, we understand that the present article contributes with an example of confluence between Communication and Education through a look directed at museum education in a historical perspective.

Keywords

Documentary. Museums. Museology. History of Education.

Introdução

O presente artigo pretende fazer uma análise do documentário “Pólis: Viver na Cidade Grega Antiga” produzido pelo Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) transitando este produto fílmico por fronteiras da Comunicação e Educação com ênfase na ótica da História da Educação em Museus. Ou seja, trata-se de um objeto de estudo situado no rol das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), porém, nos propomos aqui a abordar a tecnologia audiovisual a partir de uma concepção que endossa a defesa de seu potencial na Educação mas tenta superá-la suplementando com um exemplo de uso no âmbito da educação não-formal (museus).

41

O documentário foi gravado no segundo semestre de 2018 e publicado pelo MAE-USP em maio de 2019 na rede social YouTube. O vídeo documenta a exposição homônima realizada por este museu na época, bem como as atividades educativas desenvolvidas pelo Setor Educativo do MAE junto às escolas.

Mas o que o documentário “Pólis: Viver na Cidade Grega Antiga” tem a ver com História da Educação em Museus? Esta é a pergunta que nos motivou e estrutura a presente investigação, uma vez que a resposta a esta questão pode trazer conhecimentos e diálogos interdisciplinares que contribuam com interessantes discussões acadêmicas.

Para responder a esta pergunta tomamos como premissa o documentário como uma fonte histórica. Esta premissa é tratada como hipótese e, portanto, submetida a um exercício crítico de verificabilidade. Assim, utilizamos dados/documentos referentes ao roteiro deste produto fílmico e conversas com seus produtores⁴. Por fim, desenvolvemos uma análise teórica subsidiada por

⁴ Sendo o presente autor um dos diretores do documentário.

uma pesquisa bibliográfica de textos sobre Produção Audiovisual, Educação e Museologia⁵.

Produção Audiovisual

Conforme Gerbase (2012), no campo do audiovisual podemos organizar todo o processo de produção de um vídeo a partir das seguintes etapas: criação, pré-produção, produção, pós-produção e circulação.

Neste artigo focaremos em uma análise do documentário baseada no roteiro do documentário, um elemento desenvolvido na etapa de pré-produção, a priori. Mas quando se trata de produção de um documentário, as etapas de trabalho normalmente não se desenvolvem nesta ordem, de maneira sequencial, cronológica. Como destaca Soares (2009, p. 19), especialmente na elaboração do roteiro de um documentário, rompe-se com a lógica de produção do cinema e, neste caso,

Ficará abolida a obrigatoriedade da escrita de um roteiro no período de pré-produção. Falar em roteiro agora só terá sentido na etapa de pós-produção do filme. O filme agora será resultado de um árduo trabalho de montagem, montagem esta que será feita a partir de muito material filmado. A regra é jogar com o imprevisto e o improvisado da filmagem. O que valoriza sobremaneira o papel do cinegrafista na construção do documentário.

Neste trabalho analisamos também o vídeo em si, produto final integralmente disponibilizado na internet, ou seja, teremos contato também com a última das etapas: a circulação. Pois o contato com o documentário só se dá através da concretização desta etapa.

Concepção(ões) Museológica(s)

Uma vez que o documentário citado foi produzido no e discorre sobre um museu, cabe-nos proceder uma explanação que, pelo menos minimamente, nos

⁵ Aqui cabe uma ressalva linguística, pois segundo Sá (2014) somente entre 1974 e 1975 apareceu nos documentos oficiais o termo “Museologia” em substituição ao termo “Museus”.

forneça algumas balizas históricas sobre os museus e sua relação com a Educação.

Conectados com as mudanças sociais, os museus são instituições que passaram por significativas mudanças em suas identidades e funções ao longo tempo, especialmente após o fim da Segunda Guerra Mundial, como afirma Bittencourt (1996). Deste modo, cabe ressaltar, ainda, que os museus nem sempre foram instituições que se relacionavam diretamente com Educação. Segundo Cazelli, Marandino e Studart (2003) e Knauss (2011), os museus inicialmente não eram abertos ao público e sim voltados apenas a consultas de pesquisadores. Desde os Gabinetes de Curiosidades, que remontam ao século XIV até os museus do século XVIII, esses locais não eram abertos à visitação do público em geral, mantinham uma ligação estreita com a academia e, portanto, eram acessíveis somente a um público seletivo.

Conforme Cazelli, Marandino e Studart (2003), a relação entre Museus e Educação deve levar em consideração as Feiras Internacionais e Exposições, ocorridas entre meados do século XIX e a Segunda Guerra Mundial, com ênfase para as Grandes Exposições Internacionais da Indústria, ocorridas na segunda metade do século XIX, das quais o Brasil participou desde 1862. Os objetivos dessas instituições era a ideia de educar o cidadão comum (educação de massa) e fazer com que o público conhecesse e “experimentasse” o progresso científico e tecnológico. Como complementa Neves (2001), havia nestas exposições uma relação de igualdade entre Progresso e Civilização, promovida ideologicamente como meta a ser alcançada.

Já no âmbito dos anos 1920 e 1930, temos um início de mudança mundial, a qual pode ser vista nas ações realizadas no Museu Histórico Nacional, do Rio de Janeiro:

Desde os primeiros passos, o Museu Histórico revelou o seu caráter educativo pelas providências que, na medida das possibilidades, foi tomando a sua direção. [...] a diretoria do museu enviava ofícios aos colégios particulares e às escolas públicas, convidando mestres e alunos a visitarem suas exposições e pondo à sua disposição os funcionários-guias necessários. (CARVALHO, 1957 apud KNAUSS, 2011, p. 586-7).

Citando ainda o mesmo documento, Knauss nos apresenta um trecho de um documento do Conselho Internacional de Museus (ICOM), órgão da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), publicado em 1952 (mas que remete a 30 anos antes) e assinado por Henri Fould, que cita:

Pode-se afirmar, sem exagero, que a tendência dominante na evolução dos museus no decurso dos últimos trinta anos tem sido a crescente importância atribuída à sua função educativa e às responsabilidades em relação à juventude que essa função implica. (FOULD, 1952 apud KNAUSS, 2011, p. 586).

Ainda com relação à história do desenvolvimento dos museus no Brasil, Knauss (2011, p. 583) traz também outro detalhe histórico importante, o fato de que já na década de 1940 no Museu Mariano Procópio (inaugurado oficialmente em junho de 1921, mas aberto para visitação pública mediante agendamento desde 1915) “os estudantes se constituíam no público principal do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora. Isso significa dizer que sua coleção tinha um público-alvo que distingue a história deste museu no quadro geral”. Mas, como o próprio autor pondera, a presença da educação nos museus neste período remete apenas a algo no empírico, sem elaborações e definições teóricas. Até porque foi só na década de 1940 que “a museologia se afirma como campo intelectual no Brasil. No ano de 1945, foram redigidas duas obras de referência fundamentais para afirmar os museus como objeto de estudo no meio brasileiro”. (*Ibidem*, p. 585).

Esta consolidação teórica da museologia no Brasil na década de 1940 coloca os museus num outro momento. De modo que, ancorada em Allard e Boucher (1991), Marandino (2008) destaca que a percepção dos museus como espaços de educação é relativamente recente na história dessas instituições. Como precisa Köptcke (2003) apud Marandino (2008, p. 10),

foi só a partir da segunda metade do século XX que os museus passaram a ser reconhecidos formalmente como instituições intrinsecamente educativas. Essa faceta dos museus surgiu quando os serviços educativos iniciaram o atendimento específico para os diversos públicos a partir da definição de objetivos pedagógicos precisos.

Considerando os museus da atualidade, mundialmente, Fronza-Martins (2006, p. 71) observa que

Percebe-se o interesse não apenas na organização e preservação de acervos, mas também na ênfase da compreensão, desenvolvimento e promoção da divulgação, bem como na formação de público como forma de disseminar conhecimentos por meio de uma ação educativa.

Afirmção que está em consonância com Martins (2006) ao dizer que sob esta concepção museológica mais atual os conceitos-chave concentram-se em torno da importância do público e das ações de comunicação/educação dentro das instituições.

45

Como defende Raffaini (1993, p. 159), é importante desconstruirmos a ideia de que as instituições museológicas se restringem à guarda, conservação e exposição de acervos ou, mais vulgarmente, “depósito de velharias”. Podemos afirmar que os museus contemporâneos pautam-se numa concepção museológica que contempla também a atuação educativa como uma de suas funções.

Então, “foi nesse contexto de exaltação das vantagens pedagógicas das visitas de escolas a museus que foram criados, dentro dessas instituições, os chamados serviços educativos” (MARANDINO, 2008, p. 9).

Porém, cabe ainda destacar que a década de 1980 foi especialmente importante para os museus e seu vínculo com a educação. Segundo Knauss (2011), é neste momento que o debate sobre o sentido do trabalho educacional nos museus ganha uma nova conceituação (baseada nos conceitos de Museu Integral e Educação Patrimonial). Sobre esse período, o autor chama-nos a atenção destacando o quanto foi decisivo o novo contexto da museologia na América Latina a partir da afirmação do conceito de Museu Integral, estabelecido na Declaração de Santiago do Chile aprovada no seminário do ICOM realizado em 1972 na capital chilena: “o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve”. (Ibidem, p. 594-5).

Segundo o mesmo autor, ainda neste período, mas no âmbito do Brasil, a mudança de enfoque na relação Museu e Educação teve também como marco o seminário realizado no Museu Imperial, dedicado a discutir o tema geral Uso Educacional dos Museus e Monumentos. O tema do uso educacional dos museus permitiu, na ocasião, cunhar e fixar o conceito de Educação Patrimoniale lançar as bases de sua metodologia.

Complementarmente, ainda sobre esse espaço de tempo, Cazelli, Marandino e Studart (2003, *on-line*) evidenciam outro aspecto que estruturou este debate: a ciência para todos.

Durante a década de 1980, um número considerável de países e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura (UNESCO) assumiram um compromisso internacional no que diz respeito à educação em ciências: uma nova meta sob o slogan “ciência para todos”.

Arrematando as observações sobre os anos de 1980, as mesmas autoras afirmam que “Muitas das instituições museológicas criadas nesse período centraram ou promoveram atividades na perspectiva do público, em especial o escolar, introduzindo em sua museografia elementos interativos e/ou desenvolvendo ações educativas em diferentes níveis” (Ibidem, *on-line*).

Em relação à década de 1990, as autoras apontam que “a importância das ações em divulgação científica no país ganharam firmeza, bem como ampliaram-se as experiências de educação não-formal, entre outras formas, por meio da criação de novos museus de ciência” (Ibidem, *on-line*).

Tratando-se da ação educativa dos museus, é importante destacar que esta

não está vinculada somente às atividades programadas para alunos e professores, mas [...] deve ser buscada e entendida desde o momento em que estabelecemos o roteiro de uma exposição, apresentamos os objetos, elaboramos textos e etiquetas, que não devem ser responsáveis somente pela apresentação de um conteúdo que será mais um conteúdo acumulado, mas que devem suscitar a criatividade, o questionamento, a reflexão crítica e a busca de um novo fazer [...]. (SANTOS, 1993 apud ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2006, p. 108).

Outro detalhe importante é o fato de que as ações educativas dos museus se diferenciam daquelas realizadas nas escolas. Ou seja, ao assumir cada vez mais um papel educativo

os museus vêm sendo caracterizados como locais que possuem uma forma própria de desenvolver sua dimensão educativa. Identificados como espaços de educação não-formal, essa caracterização busca diferenciá-los das experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas na escola, e das experiências informais, geralmente associadas ao âmbito da família. (MARANDINO, 2008, p. 12).

Classificando o sistema educacional em termos de educação *formal*, *não-formal* e *informal*, definimos educação não-formal como sendo

qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem (MARANDINO, 2008, p. 13).

Histórico das Ações Educativas do MAE

Como o documentário dialoga com o trabalho desenvolvido pelo Setor Educativo do MAE (Seção Técnica de Educação para o Patrimônio), competenos contextualizá-lo historicamente; ainda que de maneira muito breve.

A história do MAE inicia-se na década de 1960, havendo sido criado sob o nome de Museu de Arte e Arqueologia (MAA) (FLEMING; FLORENZANO, 2011). No entanto, a estrutura do Museu tal como a conhecemos hoje, consolidou-se em 1989. Mas, como destaca Carneiro (2009, p. 59),

esta instituição é fruto da fusão de quatro acervos permanentes a outras instituições da Universidade de São Paulo, a saber: Instituto de Pré-História, antigo Museu de Arqueologia e Etnologia, Museu Paulista (acervo arqueológico e etnográfico) e acervo Plínio Ayrosa, do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

A união não foi somente de acervos, mas, também, de diferentes metodologias de pesquisa, de profissionais com formações variadas.

A preocupação com ações educativas voltadas às escolas (estudantes e professores/as) antecede o próprio MAE atual. Na década de 1980, dentre outros avanços, a história deste Museu é marcada pelo “estabelecimento de um

Serviço educativo vinculado às exposições” (FLEMING; FLORENZANO, 2011, p. 221).

De um lado, “as ações educacionais desenvolvidas no Museu do IPH conciliaram duas propostas conceituais: a Pedagogia do Despertar [BEST, 1980] e a metodologia da Educação Patrimonial”, de outro, no antigo MAE, “as premissas teórico-metodológicas das ações educacionais desenvolvidas [...] eram fundamentadas nos estudos de Piaget e Wallon [...] Paulo Freire, Moacir Gadotti e Carlos Rodrigues Brandão” (CARNEIRO, 2009, p. 50-3).

Dadas essas origens e heranças diversas, foi necessário um bom tempo para a construção de uma reorganização e constituição de todo o MAE e, portanto, das ações educativas. Atualmente, o Educativo do MAE não segue rigidamente uma única metodologia, como afirma uma das educadoras do museu: “Desde que eu estou aqui a gente nunca assumiu nenhuma base teórica específica, e nenhuma metodologia específica. A gente vai articulando, a partir da experiência e contato com os trabalhos ou o que a gente escuta, uma metodologia própria”⁶. E outro educador destaca que “O que mudou ao longo desses anos foram os materiais [recursos pedagógicos]”⁷. E complementa apontando uma flexibilização da ação educativa em relação à obrigatoriedade de o/a professor/a cursar uma formação antes de uma visita orientada. “Antigamente, se o professor quisesse uma visita orientada pelos educadores, ele tinha que necessariamente passar pela formação da ação educativa. Ele tinha que fazer. Era obrigatório”⁸.

O documentário registra as atividades educativas desenvolvidas no MAE no âmbito das visitas escolares à exposição (denominadas como Visitas Orientadas), sendo esta apenas uma dentre diversas outras atividades realizadas pelo Educativo deste museu. Porém, é importante ressaltar que o MAE é um

⁶ Entrevista concedida por CARNEIRO, Carla Gibertoni a Cleberson Henrique de Moura. São Paulo, nov. 2015.

⁷ Entrevista concedida por SILVA, Maurício André a Cleberson Henrique de Moura. São Paulo, nov. 2015.

⁸Idem.

museu universitário, portanto, na sua totalidade é fundamentado no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão⁹.

Resultados

O plano de produção do documentário ocorreu entre outubro de 2016 e abril de 2017 e foi organizado da seguinte maneira: pré-produção (outubro de 2016); produção (novembro de 2016 até fevereiro de 2017); pós-produção (março de 2017 até abril de 2017); circulação (maio de 2017).

Considerando o documentário como uma fonte histórica, cabe observar, primeiramente, seu suporte. O vídeo foi gravado e publicado na forma de vídeo digital hospedado na internet, no canal do *YouTube* do Labeca MAE (PÓLIS, 2017).

Na descrição **do** vídeo, encontra-se o seguinte texto:

Este documentário apresenta a exposição e ação educativa “Pólis: Viver na Cidade Grega Antiga”, proporcionando ao público uma reflexão crítica sobre as questões que permeiam a pólis em paralelo com as problemáticas da cidade atual.

Além de dispor de uma proposta (in)formativa, o vídeo contribui tanto para a difusão do conhecimento como para a documentação dos desdobramentos das pesquisas acadêmicas desenvolvidas no Labeca e das atividades educativas do MAE-USP.

Dialogando com o apontado por Soares (2009), o documentário não possui um documento de roteiro, pois o mesmo foi definindo-se ao longo do trabalho de pós-produção. Portanto, o roteiro do documentário foi elaborado de forma simplificada neste trabalho, mas tal simplificação ainda nos permite acessar importantes informações para realização da nossa pretendida análise. Dessa forma, o roteiro (adaptado para linguagem textual do presente artigo) pode ser sintetizado da forma apresentada a seguir.

⁹ Conforme o artigo 2º do capítulo II do Regimento do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (Resolução nº 5937, de 26 de julho de 2011).

A parte inicial do documentário dedica-se a realizar uma contextualização institucional. Nos primeiros 34 segundos têm-se uma abertura baseada em uma sequência hierárquica de logotipos (USP, MAE e LABECA) contextualizando institucionalmente o conteúdo, seguida de animação contendo imagens-chave da expografia da exposição; apresentação do título da mesma e algumas tomadas apresentam o prédio em que ela está instalada. Em seguida, entre *0 min 34 s* e *1 min 23 s*, trechos de falas da pesquisadora curadora da exposição e da diretora do museu, coberta por pequenas tomadas de imagens da exposição e respectivo acervo exposto, apresentando a exposição Pólis, sua proposta e como ela se articula com as demais atividades do museu.

No trecho de *1 min 37 s* até *2 min 13 s* sob a legenda “Visita Orientada com a E.E. Prof. Antonio Nascimento”, uma sequência de planos registram a chegada dos/as alunos/as ao prédio do MAE.

Aos *2 min 07 s* temos um depoimento do educador do museu, que apresenta as diversas frentes de trabalho da ação educativa desenvolvida em torno da exposição Pólis. Cabe ainda destacar que o mesmo é identificado no vídeo como arqueólogo educador do MAE-USP (imagem que aparece precisamente aos *2 min 15 s*); o que denuncia que um museu que possui em seu quadro de funcionários um profissional dedicado especificamente a atividades educativas.

Logo em seguida, entre *2 min 49 s* e *3 min 22 s*, o vídeo exhibe uma atividade de mediação pedagógica que compõe a programação de uma visita orientada no Museu, realizada com a escola citada; o que ilustra o depoimento do educador sobre os trabalhos de atendimento ao público, especialmente o público escolar.

Entre *3 min 29 s* e *4 min 11 s*, imagens de alunos/as manuseando objetos da coleção didática cobrem/ilustram um depoimento da museóloga responsável pelo projeto expográfico da exposição.

Aos *04 min 42 s* o documentário aborda a visita à exposição a partir de um enfoque pedagógico centrado na Religião (conteúdo presente na exposição). Este trecho constitui-se por cenas da bolsista em ação de visita orientada;

trechos de fala da museóloga do museu discorrendo sobre religiosidade e mitologia; arte gráfica para definir mito de Hércules; trechos de fala da pesquisadora e curadora da exposição falando sobre mitologia grega e fazendo paralelo com os mitos atuais, voz *off* e cena do Rei Pelé; trechos de fala do educador apontando diversidade cultural religiosa, com voz *off* e cobertura feita por tomadas em close de deuses gregos estampados em artefatos da exposição.

Aos 07 min 05 s o roteiro traz um enfoque pedagógico do conteúdo centrado na Espacialidade (conteúdo presente na exposição). Esta parte é composta por fala da museóloga sobre abordagem de cidades gregas, com voz *off* coberta por fotografias das cidades (Olinto e Selinonte); trechos de falas da pesquisadora e curadora problematizando o conhecimento limitado às fontes historiográficas e inovações trazidas por descobertas arqueológicas sobre o mundo grego, com voz *off* coberta por imagens de sítios arqueológicos georreferenciados; planos contendo estudantes na exposição levantando questionamentos a respeito da organização urbana antiga e atual; arte gráfica sobre o papel dos arquitetos gregos e descrevendo organização social da época; cenas de alunos/as observando as maquetes das cidades; fala do educador sobre uso do espaço, com voz *off* coberta por imagens de *shopping center* e condomínios; fala da pesquisadora e curadora mostrando que os museus não servem para mostrar apenas o passado e ilustrando exemplo de atividade escolar que propôs um paralelo entre cidades gregas e a cidade de São Paulo, com voz *off* coberta por planos de estudantes observando as maquetes das cidades gregas, e fotografias da cidade de São Paulo em preto e branco.

No trecho entre 11 min 14 s e 14 min 13 s, o documentário abre um parêntese e dedica-se a uma longa cena que documenta uma parceria entre o MAE e a Escola Técnica Estadual (ETEC) Dr. Emílio Hernandez Aguilar, localizada em Franco da Rocha/SP, que consiste em um trabalho elaborado por uma professora de História que se utiliza de recursos didáticos produzidos pelo MAE-USP como complemento curricular e metodológico às suas aulas. Esta cena é composta visualmente a partir de uma viagem à cidade de Franco da Rocha, sob trilha sonora; plano que apresenta fachada desta ETEC sob trilha sonora; falas desta professora de história apresentando o trabalho desenvolvido

por ela e seus/suas alunos/as a partir das visitas à exposição do MAE em que explana sobre a estratégia didática utilizada para orientar tais atividades, com *voz off* coberta por tomadas de imagens de maquetes; cenas dos/as respectivos/as alunos/as apresentando suas maquetes de cidades gregas antigas construídas. A cena se completa com um efeito *reverse speed*¹⁰, sob som de “rebobinamento”, simulando retorno da viagem.

Aos *15 min 11 s* o vídeo ilustra o depoimento, dado aos *14min37s*, sobre um jogo digital que compunha a exposição (reconstrução 3D de uma casa grega, realizada a partir de conhecimentos arqueológicos e históricos) com cenas de diversas alunas jogando-o.

No trecho final, dos *16 min 49 s* até o fim do documentário, uma sequência de planos contendo depoimentos de alunos/as que relatam suas percepções e reflexões consequentes à visita, é apresentada para ilustrar algumas influências da visita. Uma cena em que os/as estudantes estão saindo do museu encerra o vídeo.

Conclusão

Retomando a pergunta “O que o documentário ‘Pólis: Viver na Cidade Grega Antiga’ tem a ver com história da educação em museus?” podemos esboçar alguma resposta, obviamente não única ou definitiva.

Ao registrar a exposição “Pólis: Viver na Cidade Grega Antiga”, o documentário não se limita a um roteiro composto por imagens do acervo arqueológico exposto nas vitrines meramente complementado com depoimentos de mediadores/as dos objetos. O roteiro deste documentário vai além da exposição, num sentido material, e permite-se construir uma narrativa cheia de cenas do âmbito da educação, como cenas de estudantes visitando a exposição; depoimentos de uma pesquisadora/curadora; depoimentos de um educador do Museu; alunos/as manuseando objetos da coleção didática, entre outros.

¹⁰ Efeito digital para simular um rebobinamento de fita (de vídeo, por exemplo).

Situados num espaço e tempo histórico específico, um museu e suas práticas fundamentam-se em concepções museológicas que dialogam, definem e refletem este respectivo tempo - neste caso, um exemplo de prática museal perfeitamente alinhada com uma concepção que pressupõe significativa presença da dimensão educativa conforme apontam diversos autores/as, como Allard e Boucher (1991), Raffaini (1993), Santos (1993), Almeida e Vasconcellos (2006), Fronza-Martins (2006), Martins (2006), Marandino (2008).

Assim, sendo o documentário um produto não-ficcional, podemos concluir que suas imagens e depoimentos ao captar o trabalho educativo do MAE também apreendem e divulgam elementos de sua concepção museológica implícita e estruturante de suas ações.

Portanto, é razoável afirmar que este vídeo tem o potencial de ser utilizado também como documento histórico sobre uma prática museal de seu tempo. Utilizando-nos de uma abordagem histórica, buscamos mostrar um exemplo de confluência entre a Comunicação e Educação. Isso nos autoriza a pensarmos o documentário para além de uma manifestação artística criativa, ou seja, a considerá-lo como um potencial veículo de informação, tecnologia de comunicação e instrumento de documentação (apreensão da realidade); o que torna-o um importante parceiro da Educação especialmente por seu poder de documentação pedagógica.

Referências

ALLARD, Michel; BOUCHER, Suzanne. *Le musée et l'école*. Québec: Hurtubise HMH, 1991.

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BEST, Francine. *Por uma Pedagogia do despertar*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

BITTENCOURT, José Neves. Gabinetes de Curiosidades e Museus: sobre tradição e rompimento. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 28, p. 151-174, 1996.

CARNEIRO, Carla Gibertoni. *Ações educacionais no contexto da arqueologia preventiva: uma proposta para a Amazônia*. 2009. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CARVALHO, Nair de Moraes. Papel educativo do Museu Histórico Nacional. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. VIII, p. 18-29, 1957.

CAZELLI, Sibebe; MARANDINO, Martha; STUDART, Denise Coelho. Educação e Comunicação em Museus de Ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências*. Rio de Janeiro: FAPERJ, Editora Access, 2003.

FLEMING, Maria Isabel D'Agostino; FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. Trajetória e perspectivas do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (1964-2011). *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 25, n. 73, p. 217-228, 2011.

FOULD, Henri. Preâmbulo. In: CARVALHO, Nair de Moraes. Papel educativo do Museu Histórico Nacional. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. VIII, p. 18-29, 1957.

FRONZA-MARTINS, Aglay Sanches. Da Magia a Sedução: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte. *Revista de Educação* (Itatiba), v. IX, p. 71-76, 2006.

GERBASE, Carlos. *Cinema: primeiro filme: descobrindo, fazendo, pensando*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012.

KNAUSS, Paulo. A presença de estudantes: o encontro de museus e escola no Brasil a partir da década de 50 do século XX. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 27, n. 46, p. 581-597, dez. 2011.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Observar a experiência museal: uma prática dialógica? Reflexões sobre a interferência das práticas avaliativas na percepção da experiência museal e na (re)composição do papel do visitante. *Caderno do Museu da Vida*. Avaliação e estudo de público no Museu da Vida. Rio de Janeiro: Museu da Vida/ Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2003.

MARANDINO, Martha (org.). *Educação em museus: a mediação em foco*. 1. ed. São Paulo: Pró-Reitoria Cultura e Extensão USP e GEENF/FEUSP, v. 1, 2008.

MARTINS, Luciana Conrado. *A relação museu/escola: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. Uma arena pacífica. In: MAST. *Imagens do progresso: os instrumentos científicos e as grandes exposições*. Rio de Janeiro: MAST, 2001, p. 2-8. Disponível em: http://www.mast.br/images/pdf/publicacoes_do_mast/catalogo_exposicao_imagem_do_progresso.pdf. Acesso em: 12 mar. 2020.

PÓLIS: Viver na Cidade Grega Antiga. Publicado no canal Labeca MAE. São Paulo: mai, 2017. 1 vídeo (18 min 58 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DcyeHC2jIPI>. Acesso em: 16 nov. 2019.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. Museu contemporâneo e os gabinetes de curiosidades. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 3, p. 159-164, 1993.

SÁ, Ivan Coelho. Institucionalização das práticas museológicas: oitenta anos do Curso de Museus. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. *90 anos do Museu Histórico Nacional em debate (1922-2012)*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Repensando a ação cultural e educativa dos museus*. Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

SOARES, Sérgio José Puccini. *Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção a pós-produção*. 2007. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.